TEMPOS DE AUTO (CRONO) FORMAÇÃO

TIMES OF AUTO (CHRONO) TRAINING

Roberto Sanches[1]

Resumo

Esse artigo situa a questão acerca da temporalidade e da experiência pessoal, mediados por uma narrativa, com o objetivo de mostrar a profundidade do saber experiencial e do saber viver, implicados em trabalhos com histórias de vida e pesquisa autobiográfica. Saímos da visão positivista da história e ressaltamos o trabalho com o tempo que se transforma no trabalho com o eu, que não aparece de forma imediata, mas é fruto de uma reflexão sobre si e o tempo, trabalhados por uma razão narrativa que coloca o sujeito em um mundo vivido, sujeito a transformações abrindo o caminho para um aprendizado do saber viver as diferentes temporalidades autocronoformadoras.

Palavras chave: temporalidade , Autoformação, Narrativa, Histórias de vida, relação passado-presente-futuro.

Abstract

This article discusses the question of the temporality of the personal experience mediated by a narrative, with the objective of showing the deepness of experiencial knowledge, and of the life experience implied in works with the life stories and autobiographic research. We left the positivistic vision of history and reinforced the work with the time in wich you transform the work with the self, which doesn´t appear immediatly, but is product of a reflexion about the self and the time, worked by a narrative reason, which places the subject in a living world, subject to transformations opening the way to an aprenticeship of the know how to live the diferent autoformed temporalities.

Keywords: temporalitiy, self-formation, narrative, life stories, relation past-present-future.

[1] Mestre em Educação pela PUCRS. Orientando da Dr. Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Integrante do Grupo de Pesquisa Profissionalização Docente e Identidade – GRUPRODOCI, por ela liderado. E-mail: roberto-filosofia@hotmail.com.

Artigo recebido em agosto de 2010; aprovado em outubro de 2010

Com esse artigo traçamos uma visão panorâmica do pensamento sobre a temporalidade em diálogo com a abordagem das histórias de vida a serviço de projetos, retirando implicações para um saber experiencial. Recordando nossa pesquisa com arte-educadoras (SANCHES, 2010), trabalhada com as nossas leituras sobre a hermenêutica da narrativa de Ricoeur (1994) e as histórias de vida e formação de Josso (2004), escrevemos esse artigo na intenção de ampliar aquela investigação com reflexões sobre o tempo e a autoformação. A temporalidade é pensada aqui como constituinte do ser humano, ser energético, rítmico e psicossomático que tem no tempo uma dimensão de referência da sua ação e do seu viver no mundo, passível de reflexão através da mediação da narrativa , explicitadora do ser-no-mundo.

Damásio (2009) nos traz a idéia de que existe um tempo corporal e um self autobiográfico. O tempo corporal se faz através de caminhos bioquímicos que organizam o funcionamento corporal desde a marcação do inicio de uma ação até o seu fim, incluindo o ano em que tivemos um evento importante; o seu esteio básico é a rememoração do passado e a expectativa do futuro a ser realizado. Os ritmos corporais conectados com o nascer do sol e o anoitecer, o das passagens dos meses e do ano, regulam as atividades corporais da digestão à realização de tarefas necessárias para a nossa sobrevivência e à nossa vida social. Eles fazem a marcação da passagem do tempo que condiciona processos orgânicos e psíquicos. Com esses movimentos cíclicos produzem-se os ritmos temporais, condicionados que são aos ritmos da natureza, e assim, chegamos ao ponto da ecoformação, ou a formação do sujeito a partir do ambiente natural. Em cima destes ritmos e para além deles criamos os ritmos sociais e os ritmos pessoais, assim é que os calendários e os horários marcam o fluir do social, sendo que as narrações, em geral, marcam o pólo sócio-cultural, base da heteroformação e as narrativas de vida, o pólo pessoal da autoformação. Já o self autobiográfico para Damásio (2000) depende, basicamente, de memórias de fatos fundamentais da nossa vida, que têm de ser constantemente reativados, e que nos dão um senso de continuidade e de permanência.

> Assim, em qualquer momento dado de nossa vida consciente de si e do meio, geramos pulsos de consciência central para um ou alguns objetos-alvo *e para um conjunto de memórias autobiográficas acessórias que são reativadas.* Sem essas memórias autobiográficas, não teríamos a noção do passado e do futuro, não haveria continuidade histórica em nossa pessoa. Mas, sem a narrativa da consciência central e sem o self central transitório que nasce nela, não teríamos absolutamente nenhum conhecimento do momento, do

> passado memorizado ou do futuro antevisto que também consignamos à memória. (DAMÁSIO, 2000, p. 280)

Vemos a dialética constante entre o processamento do tempo passado, presente e futuro, e a formação da memória autobiográfica. A identidade que vive dessa incessante relação entre o transitório e o permanente, recolhendo o que dura no que passa, em uma constante identidade dinâmica, como diria Ricoeur (1994), ou processo-projeto e invenção de si como refere Josso (2004).

José Reis (1994) nos traz uma panorâmica das concepções da história e nos apresenta uma concepção de tempo histórico construída pela valorização positivista das datas e calendários que organizam o nosso cotidiano.

> O tempo-calendário se confunde com o próprio tempo histórico, as sociedades são postas linear e sucessivamente umas em relação às outras, os eventos são postos linear e sucessivamente uns em relação aos outros e localizados com precisão nessa sucessão" (REIS, 1994, p. 78).

Este tempo-calendário é equivalente ao tempo social, imposto pelos relógios com a primeira revolução industrial e que serve de guia e avaliador dos resultados das nossas ações, estando ligado aos nossos interesses imediatos. Na escola ligada à preparação para a vida adulta, o currículo inserido no ano que passa, e as horas de aula, com as suas respectivas matérias, formam o compasso do andamento na aprendizagem, se sobrepondo aos ritmos peculiares dos alunos e dos professores. Um contraponto a esta visão positivista é a de Koselleck, tal como apresentada por Reis(op.cit.), segundo o conceito de temporalização em que a valorização recai sobre a experiência vivida pelos seres humanos que agem e sofrem no tempo. Ele constata que o caráter plural da realidade histórica difere do tempo do calendário, abordando a problemática da temporalização que é captada pelos conceitos de campo de experiência e horizonte de espera, Segundo Koselleck: "la experiencia y la expectativa son dos categorías adecuadas para tematizar el tiempo histórico por entrecruzar el pasado y el futuro." (1996, p. 336). E, ainda:

> (...) la experiencia es un pasado presente, cuyos acontecimientos han sido incorporados y pueden ser recordados. En la experiencia se fusionan tanto la elaboración racional como los modos inconscientes del comportamiento (…) también la expectativa se efectúa en el hoy, es futuro hecho presente, apunta al todavía-no, a lo no experimentado, a lo que sólo se puede descubrir. Esperanza y temor, deseo y voluntad, la inquietud pero también el análisis racional, la visión receptiva o la curiosidad forman parte de la expectativa y la constituyen." (op.cit.p..336-337)

O que queremos ressaltar é a tensão que existe entre essas duas posições temporais, não podendo uma ser reduzida a outra mecanicamente, pois a pessoa vista como horizonte de experiência e de expectativa, não se resume a uma fórmula cronológica, ela cria a sua história, o seu vir-a-ser, a partir da sua rememoração e da sua espera. Não podendo ser reduzida a uma fórmula físico-química, ela é um ser em formação permanente, potencialidade viva, que se esforça por existir, como diz Ricoeur (1994), ultrapassar-se, em permanente reelaborar o seu desejo e a sua ação, e capaz de construir uma história singular e coletiva. Koselleck situa historicamente essa discussão sobre a experiência do tempo nos mostrando que as sociedades antigas valorizam o passado, colocando o futuro como um resultado linear do passado. Nas sociedades avançadas, o futuro busca organizar os eventos e a leitura da experiência vivida e dos acontecimentos históricos. Segundo José Reis: "Cada época mantém relações diferentes com seu passado e seu futuro, cada presente constrói ritmos históricos diferenciados, mesmo se um deles predomina." (1994, p. 83).

Assim, saímos de uma visão estática da relação passado-presente-futuro para uma outra, dinâmica, que mostra os diferentes valores que são dados à tensão entre experiência e espera, e que pode variar de uma sociedade para outra. Podemos pensar que na nossa sociedade atual a escola mantém uma relação mais conservadora, lenta, de manutenção de um passado idealizado, os conteúdos e as práticas de ensino vistos como uma espécie de memória inquestionável, na realidade,ela é o lugar em que a sociedade projeta uma conservação cultural. A organização científico-tecnológica, através de uma prospectiva estratégica e racional, acelera os processos e desmancha este campo de experiências, quase aniquilando-o, vivendo do futuro a ser vivido, desafiando os indivíduos e as organizações à rápidas transformações. Então, o que vemos, é a necessidade de uma reflexão sobre a velocidade da mudança ou da adaptação a ela, que olhe para diferentes contextos individuais e grupais. Necessitamos do conceito de temporalização como uma reflexividade que inclua uma história e um posicionamento flexível e dinâmico na relação entre o passado, o presente e o futuro. Nesta sociedade em constante processo de mudança emerge a questão da formação permanente.

Passando ao enfoque narrativo da temporalização, trazemos Ricoeur (op.cit.) que se filia à abordagem de uma hermenêutica narrativa, preocupada em compreender o ser-no-mundo, situando-o em uma existência, e que através do texto, revela-se o modo de ser no tempo, mediado pela linguagem, pela narrativa, pelas obras, ou expressões que, por sua

capacidade polissêmica, nos revelam outras facetas escondidas da nossa pessoalidade. A sua afirmação fundamental é a de que o tempo transforma-se em tempo humano na medida em que é articulado em uma narrativa. Ela nos abre a possibilidade de contarmos a nossa vida e nos autointerpretarmos, reconhecendo-nos nela.

Com a sua teoria da narrativa, ele nos mostra que narrar é a operação de pôr-em-intriga as ações, motivações, acontecimentos e as mudanças de fortuna (felizes para infelizes, ou vice-versa) formando uma totalidade processual e narrativa. Mediante essa organização das ações, dos eventos, captamos as intenções de uma subjetividade que acontecem no mundo vivido, que não são pensadas em abstrato, mas no contexto significativo de uma vida. Este tecer da intriga forma uma concordância-discordante, ou seja, a reunião de acontecimentos discordantes entre si, tornados coerentes no todo de uma história. Essa tecedura é mais do que uma simples enumeração de acontecimentos, mas a sua interligação ajuda a levar a história até o fim e a partir do arremate, torna-a legível e compreensível para o leitor. Assim os acontecimentos inesperados são integrados no todo narrativo, o que uma espécie de inteligência narrativa nos ajuda a compreender as mudanças de uma vida, nos capacitando a criar um fio condutor que percorra as contingências, as mudanças inesperadas, não-previstas que são integradas pelo sujeito-narrador da história. A característica básica de uma história, segundo Ricoeur, é que não sabemos como uma história termina olhando para as suas condições iniciais, portanto ela não é linear, ainda que possa ter começo, meio e fim, e não necessariamente nesta ordem. Estes acontecimentos são significativos para o sujeito que conta a história, e, assim, por meio das suas ações ele sofre as circunstâncias. As expectativas de sucesso ou insucesso de um sujeito são testadas pelo que ocorre levando-o a confirmar ou alterar a sua perspectiva sobre a vida ou seus valores. Esse caminhar da história vai levando a um projetar-se do sujeito que reavalia, ressignifica a sua trajetória dentro do ato de narrar-se e compreender-se de uma narrativa, e a cada recontar dessa história e de outras, vai refazendo o caminho de significações e integrando novos acontecimentos e novos horizontes para o eu no tempo.

O trabalho com Histórias de vida e autobiografias de Josso (2004), utilizando a narrativa como forma significativa, nos mostra que quando uma vivência é refletida e considerada significativa, ela se torna em experiência, em aprendizado cognitivo e emotivo. Esta experiência é um acontecimento existencial, mobilizador, e que transforma o horizonte de expectativas de uma vida. Neste momento, temos um momento-charneira, um ponto de

virada e um aprendizado existencial. Esta atividade de reflexão e interpretação sobre si mesmo, e a organização dos momentos-charneira se estrutura em uma narrativa. Assim:

> Tomada na sua globalidade a narrativa articula vários períodos da existência que reúnem vários fatos considerados formadores. A articulação entre estes períodos efetua-se em torno de momentos-charneira, designados como tal porque o sujeito escolheu - sentiu-se obrigado a – uma reorientação na sua maneira de comportar-se e/ou maneira de pensar o meio ambiente e/ou pensar em si através de novas atividades. Esses momentos de reorientação articulam-se com momentos de conflito e/ou mudanças de estatuto social, e/ou com acontecimentos sócio-culturais (familiares, políticos, econômicos). (JOSSO, 2004, p. 43).

Assim é que esses momentos de transformação e de reorientação se tornam significativos quando contados em uma narrativa autobiográfica, que serve como mediadora do conhecimento de si mesmo e em relação ao outro e ao mundo em que vivemos, pois que na história há uma imitação recriadora do mundo vivido. Este saber da narração de um eu no tempo é um saber experiencial e que pela re-leitura amplia o contexto significativo de uma vida, levando o escritor/leitor de si, a descobrir realidades não percebidas da sua existência, abrindo um horizonte de possibilidades para a descoberta/invenção de si, constituindo novas projeções desse eu no mundo.

Nesse movimento de reorientação de busca de reconhecer a nossa trajetória, em que mudamos, o que nos motivou a fazer ou ser como somos, quando nos desacomodamos de uma posição neutra, ou desinteressada pelo existir, podemos iniciar um processo de autotransformação mediado por uma narrativa ressignificadora de nossas vivências. Aproximamos projeto e autoformação, em virtude de que, conforme Josso (2004), o projeto é um meio de estruturar o espaço-tempo, dando um sentido ao ilimitado existencial e à impermanência, bem como a autoformação não é fruto de uma mirada estática de um sujeito sobre si mesmo. Ela é uma busca de sentido constituído a partir de uma narração, dos movimentos projetivos do ser na existência, nas suas circunstâncias de vida, e dos aprendizados decorrentes delas, das mudanças de fortuna, da quebra de expectativa à realização de um desejo, e o que isso afetou a pessoa em formação.

> A projeção de si num futuro mais ou menos próximo obriga, de resto, as pessoas a inventarem cenários possíveis daquilo em que desejam tornar-se, em seu fazer, em seu ser, em relação ao mundo. Também aqui somos confrontados com uma projeção que integra representações atuais do sociocultural e potencialidades conhecidas do autor da narrativa combinadas com o que ele é capaz de imaginar como desenvolvimento futuro verossímil. (JOSSO, 2004, p. 264)

A narrativa como projeção de si é um trabalho ao mesmo tempo criativo, imaginativo, e reflexivo, em que nos confrontamos com a nossa heteroformação, ou com os modelos de identificação que assimilamos no nosso ambiente familiar e cultural, e, ainda, com a descoberta de nossa intencionalidade emergente e propositiva que se descobre criadora de si.

Com essa preocupação Josso (op.cit.) elaborou uma conceptualização sobre as formas de estar no mundo que ela chamou de posições existenciais. Elas retratam posições possíveis em um percurso de vida quais sejam: Intencionalidade, Refúgio, Desprendimento e Expectativa. Em um processo-projeto de vida pode-se adotar uma concepção de causalidade temporal que incide sobre nossas ações e decisões. Assim é que na posição da intencionalidade ou do conquistador, crê-se numa causalidade teleológica, numa relação retrospectiva do futuro sobre o presente, sobressaindo-se a vontade e a imaginação projetiva da pessoa. A figura existencial do prisioneiro corresponde à posição da expectativa (desejar sem fazer nada) se limita a uma causalidade predestinada, em que o passado determina o presente e o futuro, o que o desobriga de agir por si, pois que está preso ao destino, acreditando que só uma força vinda do exterior pode alterar o estado de coisas. A figura existencial do servidor que trabalha com uma causalidade transcendental, encontra-se na posição existencial do refúgio, em que a pessoa serve a uma idéia, a uma religião, a uma causa e encontra abrigo, e solução para os seus problemas existenciais nela. Na figura existencial do sábio, está a posição do desprendimento, daquele que deseja sem apego, que faz algo não se fixando em um resultado imediato, reconhece as circunstancias e sabe o valor da paciência, do momento oportuno, ligada a uma causalidade sincrônica, da coincidência feliz e da relatividade dos efeitos das ações em relação às nossas expectativas.

Estas posições existenciais nos mostram a flexibilidade que a pessoa pode viver a sua vida e aprender a ver sob diferentes ângulos de percepção e de relação com o tempo que estão na base de nossos projetos. Elas não são posições estáticas e definitivas, mas itinerários de nossa maior ou menor autonomia. Podemos circular por elas ao longo da vida, e em cada um delas, posições e figuras, visamos um sentido para a nossa existência, colocamos a nossa vontade, o nosso saber, a nossa emotividade à prova; nos experienciamos como seres conscientes de si no tempo. As histórias de vida utilizando a narrativa nos proporcionam o que Josso chamou de caminhar consciente de si, visando a um projeto de si auto-orientado. Assim não repetimos inconscientemente as influências da heteroformação, mas nos conscientizamos delas, da sociedade em que vivemos, da formação que tivemos, mas não nos

limitamos a isto: procuramos encontrar as linhas de nossas buscas, de nosso lançar-se no mundo, portanto, conscientes da capacidade da invenção de si, contida na idéia de autoformação. Josso (op.cit) nos traz a idéia de que as histórias de vida estão à serviço da criação de projetos de vida. Valorizando as experiências existenciais que dizem respeito ao todo de uma vida, a partir de momentos significativos em que transformamos com nossas aprendizagens a nossa vida, configurada nos momentos-charneira, divisores de água em que abrimos o nosso horizonte, transformamos o nosso ponto de vista sobre o mundo e nós mesmos.

Pineau (2004), importante, teórico da autoformação, definida por ele como apropriação do poder de criar a si mesmo, avança na sua ideia colocando o tempo como objeto de formação permanente pela integração e a compreensão das diversas temporalidades, definindo, assim, a cronoformação. Em sua obra ele analisa tanto o tempo social, o cientifico, o tempo do trabalho, da heteroformação e da autoformação, e da ecoformação. Nesse movimento, segundo ele, constrói-se a própria historicidade, em uma conscientização da articulação passado-presente-futuro, característica de uma pessoa, que consegue perceber o peso imposto ao tempo social relativizando-o, sem negá-lo. Para isso, ele propõe a tarefa de uma cronoformação na pauta de uma formação de tempos formadores. A articulação entre o tempo social e o individual, o tempo da heteroformação e o da autoformação, o tempo do trabalho e o tempo de lazer, ou de visitar outras dimensões de si mesmo. Em cada uma dessas temporalidades o sujeito pode se reconhecer e atuar de maneira a construir uma aprendizagem permanente, e não o que Pineau chamou de esquizocronia, como redução de uma medida do tempo ao outro, provocando uma separação dos tempos, como diz Pineau: “Através de uma divisão universal e mecânica em quantidade uniforme e equivalente, ela corta as temporalidades vivas (biorritmos), físicas, metafísicas, cósmicas e pessoais.” (Pineau, 2004, p.14)

A matematização do tempo e a redução da nossa percepção da vida como medida/ média de uma sucessão homogênea nos faz perder o sentido do experienciá-la, refletir sobre ela como em uma história de vida, em que reelaboramos a nossa historicidade pessoal, que espelha a releitura subjetiva da cultura de um momento histórico, a ser conscientizado pelo sujeito, e a passagem do tempo que alterou e altera os quadros da nossa percepção e da nossa narração, inseridos em uma determinada cultura, também ela histórica. É por isso que Pineau integra na tarefa da cronoformação “a formação do tempo pessoal, tanto do tempo cotidiano,

como um dia, quanto de tempos mais longos, como fases da vida ou uma vida." (Pineau, 2004, p. 16).

Podemos concluir que a nossa cultura valoriza em excesso o tempo cronométrico e uma visão puramente objetivista do tempo, em um sentido meramente utilitário, ignorando a experiência viva do tempo, na sua correlação dinâmica entre memória e espera. Com Damásio nos conscientizamos do constante trabalho cerebral sobre o tempo e a identidade que emerge com ele, servindo de base a uma visão ampliada do trabalho autobiográfico como reflexão que ativa as memórias e reelabora a nossa identidade dinâmica que pode ser acessada/reinventada a partir da narrativa. O tempo corporal ligado à alternância entre o dia e a noite, as relações entre sono e trabalho, hora de atividade e hora de repouso é assunto ainda subterrâneo que emerge lentamente. Se pensarmos a escala de uma vida, ignoramos a idéia de um projeto de vida, de uma compreensão de si no mundo, da historicidade pessoal inserida em uma coletiva, o que nos levaria a pensar em uma reflexão sobre a nossa autoformação como via privilegiada para apreender a nossa formação pessoal através de uma historia de vida. Temos o esforço de voltarmos a um trabalho sobre o saber viver, a compreensão e a invenção de si mesmo. Ela está articulada com a cronoformação, pois através da narrativa podemos captar as diferentes temporalidades inseridas no ato de compor uma intriga, uma vez que evidenciamos motivações que submetidas às circunstancias que contém a diferentes temporalidades, articulando-as em um processo-projeto de ser a si mesmo.

A autocronoformação é uma formação de si mesmo, em um processo de apropriação do próprio tempo, através da releitura do passado e antecipação do futuro, sendo esse process o resultado de uma auto-observação, reflexão e invenção de si. Na vida vivida é a atenção consciente aos diferentes tempos vividos, coordenando-os na direção da própria autorrealização. A narrativa como momento de espelhamento do vivido, compõe o tempo, as experiências e a expectativas vividas – e dá um sentido que acontece em meio às ações, aos desejos e à finalização da história. Na narrativa o tempo se flexibiliza e podemos trazer, amarrar diferentes vivências, temporalidades vinculadas pela nossa intencionalidade possibilitando-nos a aprender com a vida em movimento, libertando-nos do tempo repetitivo e mecânico do relógio, capacitando-nos a observar as nossas ações, intenções vividas nas circunstâncias concretas bem como a direção que damos aos eventos pela relação que estabelecemos entre eles e pelo papel que nos colocamos a partir deles. A direção do nosso aprendizado é a criação de novos horizontes de viver. Com a narrativa construímos a

possibilidade de construir um saber viver existencial, concreto incorporando através dos momentos-charneira os diferentes ciclos de vida e as fases por que passamos, as temporalidades que desdobramos pelo nosso ser-no-mundo.

Esta visão contrasta com a tarefa imposta ao professor, desde que na sociedade industrial ele foi colocado como executor de saberes. Sendo os saberes centrais, os ligados às matemáticas e às ciências. O domínio exclusivo do pensamento axiomático-demonstrativo aplicado à ciência é o que se impõe. TARDIF (2002) nos mostra o professor como o profissional da interação, articulando múltiplos saberes e se aproximando do artesão, e apesar da complexidade de sua tarefa, ainda luta para superar o modelo do mero executor de um saber planificado.

Na escola há de forma subterrânea todo um mundo vital, um imaginário social e pessoal, cheio de singularidades e de questões conflituosas que ficam à margem do saber institucionalizado. Penso que professores e alunos somos chamados a produzir ao lado da heteroformação**,** a nossa própria autocronoformação permanente. Mais do que ministrar conteúdos é tarefa do professor, inserido em um projeto de formação, trabalhar com o aluno o aprender a aprender, olhá-lo como a singularidade que ele é, ser em processo, com o poder de fazer revelar seu mundo interior, participar do processo de aprendizagem e realizar a sua busca de sentido, a sua criação de novas possibilidades em que ele possa se incluir. Indo mais adiante nesse intento, deve processar as suas aprendizagens ao longo da vida, inventar novas situações, propor novas soluções para o meio ambiente sociocultural em que ele vive, ou poder resgatar a memória do que passou e reelaborar uma nova versão para o que lhe foi contado ou que ele pensou sobre si mesmo, ressignificando consumadas experiências.

Essa criação de si mesmo não se dá de forma isolada do social, mas alimenta-se dos diferentes contextos. O professor pode alcançar ao aluno o aprendizado do transitar entre vários contextos e referenciais não ficando prisioneiro de nenhum deles. Questionar os valores recebidos pode ser importante para um ser em autocronoformação, mas o mais importante é ter a possibilidade de contar e recontar a sua vida e o meio ambiente familiar, social e cultural refletido nela, abrindo novas portas, canais de comunicação com outras realidades, ou com a sua realidade mais escondida e cerceada por padrões inquestionados e valores estabelecidos. Buscar a conscientização desse processo de autocronoformação já na escola pode permitir ao aluno construir uma nova leitura de si mesmo, como uma nova obra, uma criação que dê significado ao seu fazer e ao seu viver. Tanto o aluno quanto o professor

estão, nessa proposta, em busca de sentido, em busca de conhecimento, em busca de felicidade. Essa busca não tem uma resposta pronta, mas a consciência atenta, narrativa, critica e reflexiva de si mesmo e do mundo que o cerca, daí a mediação através da narrativa, inserida em um projeto de formação, de caminhar para si, como diz Josso.

Referências

DAMÁSIO, Antonio**.** *O mistério da consciência :* do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____ Quando tudo aconteceu. In: Mente Cérebro *Scientific American*, Ano XVI, no 192, Duetto , São Paulo : 2009.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

KOSELLECK,Reinhardt. Futuro pasado. Para una semántica de los tiempos históricos. Barcelona: Paidós,1996.

PINEAU, Gaston. *Temporalidades na formação***.** São Paulo: Triom, 2004.

REIS, José Carlos. *Tempo, história e evasão* .Campinas: Papyrus, 1994.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa***.** Campinas: Papyrus, 1994.

SANCHES, Roberto. *Vidas de Arte-educadoras***.** Dissertação (mestrado) Pontifica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2010.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional***.** Petrópolis: Vozes, 2002.